



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **SOLDADOS DESCONHECIDOS. PALAVRAS PROFERIDAS NA SESSÃO DE HOMENAGEM AOS SOLDADOS DESCONHECIDOS, NA ESCOLA DE BELAS ARTES DE LISBOA.**

BARREIRA, João

Ano: 1921 | Número: 31

---

### **Como citar este documento:**

BARREIRA, João, Soldados desconhecidos. Palavras proferidas na sessão de homenagem aos soldados desconhecidos, na Escola de Belas Artes de Lisboa. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 20-23.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## SOLDADOS DESCONHECIDOS

---

*Palavras proferidas na sessão de homenagem aos Soldados Desconhecidos, na Escola de Belas-Artes de Lisboa.*

Portugal vai abrir o tabernáculo da História a dois soldados desconhecidos que morreram lutando pela Verdade e pelo Direito no maior conflito que abalou a face da Terra e dilacerou o coração do Homem, e êste acto de glorificação vai fazer estremecer a alma da nação, curvando-a ante o altar daquele ignorado sacrifício, como se as lágrimas tombadas a essa hora na cinza de cada lar onde se chora aquele que não volta mais, se juntassem numa luminosa via-láctea e viessem formar um resplendor de saudade sôbre o catafalco da piedosa consagração. Mas esta apoteose, feita com a ternura duma pátria, acolhida pelo peito comovido dum povo, não tem apenas uma significação restrita ao nosso sentimento e à nossa época, porque alando-se à significação dum símbolo, vai pelas idades fora, numa épica correria, responder como um grito de sentinela vigilante à vontade obscura que primeiro ergueu o braço no limiar da civilização para defender a família ameaçada, na conquista inicial da liberdade humana. Aqueles despojos humildes, que quatro tábuas enclausuram, trazidos da vala comum que se abriu para recolher no seu âmbito imenso os mortos da Grande Guerra, libertam-se da sua prisão estreita e pairam sôbre as nossas cabeças num vôo de ressurreição, sorrindo na luz imortal com o sorriso cândido e sagrado dos que caem iluminados pelo contentamento íntimo do martírio aceite. *Servir!* é a palavra sublimada que eu oiço coalhada pela morte no silêncio daquelas bôcas mudas; *servir!* responde a legião dos seus irmãos que se erguem da vasta dis-

solução do tempo, para os virem saudar num conclave de forças anónimas e entoarem juntos o grande e profundo coral da humanidade em marcha pelo lento mas progressivo caminho da perfeição moral. Porque a palavra força não representa somente a acção material dum gládio que se agita e vence, mas toda a acção que acrescenta ao aperfeiçoamento do homem um elo novo, aquela que fala a linguagem do espirito, aquela que preside dentro do crâneo à batalha das ideas. Assim, os obscuros soldados que a nossa piedade e o nosso amor, talvez o nosso patriótico egoísmo, envolveram na bandeira nacional, soltaram-se das dobras heráldicas do seu retumbante sudário e unem-se aos soldados obscuros que em todos os campos e em todas latitudes ajudaram a vencer as forças hostis da natureza que tentam deter o avanço glorioso do homem.

Soldado desconhecido é aquele que luta contra os gérmees mortíferos no silêncio fecundo dos laboratórios, é aquele que sucumbe rasgando os sertões tropicais e abrindo os lábios tismados pela sede num derradeiro murmúrio de resignação, é aquele que cai entre torvelinhos de neve na algidez misteriosa das regiões polares. Todos estes irmãos em dor e morte, vejo-os eu fazer a guarda de honra aos nossos soldados desconhecidos; assistiram à sua exumação da terra estrangeira e dum retalho distante da pátria, aonde foram, tragando nostalgias, cumprir o mandato imperativo do dever; acompanharam-nos através dos mares, de cujo seio outros irmãos surgiram para lhes espargirem sobre o caixão, com gestos de bênção, a espuma das ondas; ajudaram a depô-los sobre o chão amado que lhes foi berço, e ajudaram a transportá-los, ao lado dos heróis de nome imorredoiro que vêm em respeitosa romagem de além da fronteira agradecer-lhes o seu auxilio na arrancada da vitória. E aos ângulos do catafalco eu vejo perfilarem-se quatro soldados desconhecidos que são quatro pontos cardiais do nosso ciclo heróico: o campónio bisonho da peonagem municipal que se bateu nas Navas de Tolosa, o bêsteiro que fêz chover setas sobre o invasor no esporão de Aljubarrota, o cavaleiro que venceu na estropiada gloriosa de Montes-Claros, e o recruta que com os seus músculos rijos trepou, na carga avassaladora, ao espinhaço do Buçaco. São ali, imóveis, como quatro brandões de perene luz, naquela fúnebre velada de armas.

Mas, diante de artistas, eu lembrarei que há outros soldados desconhecidos, os que se alistaram na grande cruzada da Arte, os que vêm desde o período das cavernas combatendo por um ideal superior de beleza, traçando a imagem das coisas para o supremo gozo da contemplação estética, soerguendo a rocha tirada da montanha, talhando-a, medindo-a, afeiçoando-a, esculpindo-a, desde o recinto que resguardava o banco à catedral que abrigava o Deus. Nessas pedras trabalhou o soldado desconhecido, soldado da hoste espiritual, nelas materializou o seu sonho, traduziu os seus anelos, estampou a sua esperança criadora, consubstanciado no grande todo como molécula que transmitia os seus estremecimentos ao estremecimento do vasto organismo que não poderia existir sem o seu concurso.

Na sua faina, o obscuro soldado do cinzel tinha combates singulares com o bloco rebelde, debatia-se nas vigílias da inspiração, chorava quando sentia perder o bom combate na conquista da forma, e no seu trabalho paciente, na sua tenacidade, na sua ânsia de perfeição, era o auxiliar sempre vigilante que dava à directriz superior dos mestres a segurança do triunfo sôbre a matéria e transmitia a fé pela constância laboriosa à colmeia activa que se movia labutando e martelando em volta do edificio da sua glória. Nas artes da paz como na arte da guerra, o sofrimento acompanha o esforço, a singeleza tímida que obedece vizinha em camaradagem, igual à camaradagem das armas, com a experiência que manda; mas aquela é o fulcro resistente e anónimo, submisso e resoluto, sôbre que esta firma a alavanca do seu saber, e representa no trabalho colectivo duma raça a substância plástica que assegura o domínio da idea porque é o corpo do seu corpo, o espírito do seu espírito.

Por isso êsse soldado desconhecido sairá também da campá rasa onde dorme junto dos irmãos ignotos, para saudar as almas gémeas da sua, que chegam ao recinto da immortalidade, e tomar parte no concertante que há-de fazer vibrar as naves altívolas de SANTA MARIA DA VITÓRIA. Porque lá estarão os alvenéis que lançaram para o azul a audácia dos corucheus, lá estarão os imaginários que modelaram num pedaço de lioz a estátua jazente do Mestre de Aviz e lavraram os arcos-sólios onde repousam os inclitos infantes, lá estará tôda a juranda em cujo seio se

acendeu a grande labareda que cristalizou um voto de vitória num cântico de pedra. E um dêles, o mais modesto obreiro, o mais humilde, o soldado desconhecido, que com ingénuo sentimento ajudou a erguer as pedras da grande fábrica, surgirá a receber o cortejo, na meia luz do pórtico, amparando filialmente a cegueira de Afonso Domingues. E assim a antiga pátria de glórias estará presente para juntar as suas homenagens ao sacrifício heróico da pátria de hoje.

JOÃO BARREIRA.